

'A pandemia é um portal'

A romancista sobre como o coronavírus ameaça a Índia - e o que o país e o mundo, devem fazer a seguir

Por Arundhati Roy

Acedido em: <https://www.ft.com/content/10d8f5e8-74eb-11ea-95fe-fcd274e920ca>

Quem pode usar o termo "viral" agora sem temer um pouco? Quem pode olhar mais para algo - uma maçaneta de uma porta, uma caixa de papel, um saco de legumes - sem imaginá-los a fervilhar com aquelas bolhas horrendas, vivas, venenosas com ventosas à espera de se fixarem nos nossos pulmões?

Quem pode pensar em beijar um estranho, apanhar o autocarro ou deixar o seu filho na escola sem sentir um medo real? Quem pode pensar no prazer comum e não avaliar o risco? Quem entre nós não é um epidemiologista, virologista, analisador de dados e profeta? Que cientista ou médico não estará secretamente a rezar por um milagre? Qual será o padre que não - pelo menos secretamente - se submeta à ciência?

E mesmo enquanto o vírus se prolifera, quem não poder estar emocionado com o chilrear dos pássaros nas cidades, pavões que dançam nas passeiras e o silêncio nos céus?

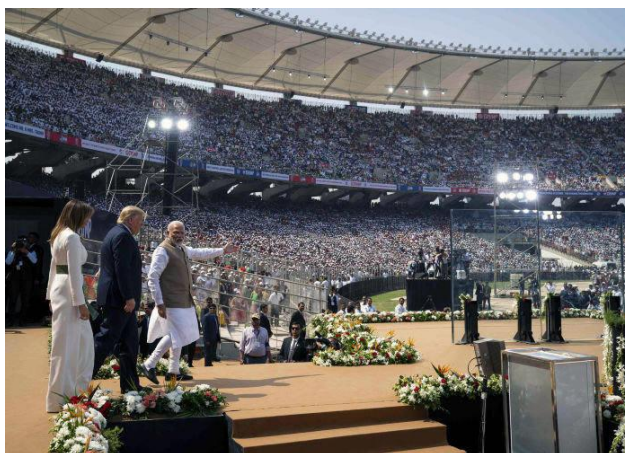
O número de casos em todo o mundo esta semana chegou a mais de um milhão . Mais de 50.000 pessoas já morreram. As projeções indicam que o número aumentará para centenas de milhares, talvez mais. O vírus deslocou-se livremente nos caminhos do comércio e do capital internacional, e a terrível doença que trouxe como consequência prendeu os humanos nos seus países, cidades e casas.

Mas, contrariamente ao fluxo de capital, o vírus procura a proliferação, não o lucro, portanto, inadvertidamente, de certo modo, inverteu na direção do fluxo. Gozou com os controlos de imigração, biometria, vigilância digital e todos os outros tipos de análise de dados, e atingiu com maior força - até agora - as nações mais ricas e poderosas, fazendo com que o mecanismo do capitalismo parasse. Temporariamente, talvez, mas o tempo suficiente para a examinarmos, fazermos uma avaliação e decidir se queremos ajudar a reconstruir o que tínhamos ou procurar um mecanismo melhor.

Os mandarins que gerem esta pandemia gostam de falar de guerra. Eles nem sequer usam a guerra como uma metáfora, usam-na literalmente. Mas se realmente fosse uma guerra, quem estaria melhor preparado do que os EUA? Se não fossem máscaras e luvas que os soldados na linha de frente precisassem, mas armas, bombas inteligentes, mísseis, submarinos, aviões de combate e bombas nucleares, haveria alguma escassez?



Donald Trump discursa sobre o coronavírus num briefing na Casa Branca a 1º de abril, quando o número de casos nos EUA superou os 200.000 © AP / Alex Brandon



Narendra Modi com o presidente dos EUA e sua esposa Melania num comício em Ahmedabad a 24 de fevereiro - parte de uma visita oficial © eyevine

Noite após noite, do outro lado do mundo, alguns de nós assistimos às conferências de imprensa do governador de Nova Iorque com um certo fascínio difícil de explicar. Seguimos as estatísticas e ouvimos as histórias de hospitais sobrecarregados nos EUA, de enfermeiros mal pagos e sobrecarregados que fazem máscaras com sacos de lixo e impermeáveis velhos, arriscando tudo para auxiliar os doentes. Sobre os estados, forçados concorrer uns contra os outros por ventiladores, sobre os dilemas dos médicos sobre qual paciente deve salvar e qual deixar para morrer. E pensamos: “Meu Deus! Esta é a América!”

A tragédia é imediata, real, épica e desenrola-se perante o nosso olhar. Mas não é novidade. É o descarrilar de um comboio que há anos já andava fora da linha. Quem não recorda os vídeos de “despejo de pacientes” - pessoas doentes, ainda com a roupa do hospital, nuas, clandestinamente largadas em becos? Os hospitais, há muito que fecham portas aos cidadãos mais vulneráveis dos EUA. Não importa o quão doente possam estar ou quanto sofreram.

Pelo menos até agora - porque agora, na era do vírus, a doença de uma pessoa pobre pode afetar a saúde de uma sociedade rica. E, no entanto, mesmo agora, Bernie Sanders, o senador que incansavelmente caminha por um serviço nacional de saúde para todos, é considerado como solitário na sua corrida à Casa Branca, mesmo pelo seu próprio partido.

E o meu país? O meu pobre-rico país, a Índia, suspensa algures entre o feudalismo e o fundamentalismo religioso, a casta e o capitalismo, governados por nacionalistas Hindus de extrema-direita?

Em Dezembro, enquanto a China lutava contra o surto do vírus em Wuhan, o governo da Índia lidava com uma revolta em massa com centenas de milhares de cidadãos que protestavam contra a descarada e discriminatória lei de cidadania antimuçulmana que acabara de ser aprovada no parlamento.

O primeiro caso de Covid-19 na Índia, foi relatado a 30 de janeiro, apenas alguns dias depois do honroso chefe do nosso Desfile do Dia da República, o devorador da floresta da Amazônia e o negador de Covid-19 Jair Bolsonaro, deixar Deli. Mas havia ainda muito a fazer em Fevereiro para que o vírus fosse considerado no cronograma do partido no poder. Havia ainda a visita oficial do presidente Donald Trump agendada para a última semana do mês. Ele tinha sido atraído pelo prometido público de 1 milhão de pessoas num estádio no estado de Gujarat. Tudo isso envolveu dinheiro e muito tempo.

Houve também as eleições para a Assembleia de Deli que o Partido Bharatiya Janata estava destinado a perder, a menos que se empenhasse severamente, o que fez, desencadeando uma campanha nacionalista hindu cruel, repleta de ameaças com violência física e disparar contra os “traidores”.

Perdeu de qualquer maneira. Então houve punições para os muçulmanos de Deli, que foram responsabilizados pela humilhação. Multidões armadas de “vigilantes Hindus”, apoiados pela polícia, atacaram muçulmanos nos bairros dos operários no Nordeste de Delhi. Casas, lojas, mesquitas e escolas foram incendiados. Os muçulmanos que já esperam o ataque retaliaram. Mais de 50 pessoas, muçulmanos e alguns hindus, perderam a vida.

Milhares mudaram-se para campos de refugiados em cemitérios locais. Os corpos mutilados ainda estavam a ser retirados da rede de esgotos sujos e fedorentos quando o governo reuniu pela primeira vez para debater o problema do Covid-19 e a maioria dos indianos começou também, pela primeira vez, a ouvir falar sobre a existência de algo chamado desinfetante para as mãos.



Mulheres com painéis e frigideiras mostram o seu apoio pelos serviços de emergência que lidam com o surto de coronavírus © Atul Loke / Panos Pictures

Março era também um mês ocupado. As duas primeiras semanas estavam destinada a destituir o governo do Congresso no estado indiano central de Madhya Pradesh e instaurar um governo do BJP (Partido Bharatiya Janata) no seu lugar. A 11 de Março, a Organização Mundial da Saúde

declarou que o Covid-19 era uma pandemia. Dois dias depois, a 13 de março, o Ministério da Saúde disse que a coronavírus "não é uma emergência de saúde".

Finalmente, a 19 de Março, o primeiro-ministro indiano dirigiu-se à nação. Ele não tinha estudado bem a lição. Usou o manual da França e da Itália. Falou da necessidade de "distanciamento social" (fácil de entender para uma sociedade de castas tão profundas) e obrigou ao isolamento social a 22 de Março. Não mencionou como o governo iria atuar na crise, mas pediu que as pessoas saíssem às suas varandas, tocassem sinos e batessem com panelas e frigideiras para saudar os profissionais de saúde.

Ele não mencionou que, até àquele momento, a Índia exportava equipamento de proteção e equipamentos respiratórios, em vez de os guardar para profissionais de saúde e hospitais indianos.

Sem surpresa, o pedido de Narendra Modi foi recebido com grande entusiasmo. Houve marchas de panelas e frigideiras, danças comunitárias e procissões. Não muito de distanciamento social. Nos dias seguintes, homens saltaram em barris de estrume de vaca sagrado, e os apoiantes do BJP organizaram festas para beber urina de vaca. Para não ficar atrás, muitas organizações muçulmanas declararam que o Todo-Poderoso era a resposta para o vírus e pediram aos fiéis que se reunissem em mesquitas.

A 24 de Março, às 20h, Modi surgiu novamente na televisão para anunciar que, a partir da meia-noite, toda a Índia estaria em isolamento. Os mercados fechados. Todo o transporte, público e privado, seria proibido.

Ele disse que tomava esta decisão não apenas como primeiro-ministro, mas como membro de uma grande família. Quem mais pode decidir, sem consultar os governos locais que teriam que lidar com as consequências desta decisão, que uma nação de 1,38 bilhões de pessoas deve ser isolada sem qualquer preparação prévia e com quatro horas de antecedência? Os seus métodos definitivamente dão a impressão de que o primeiro-ministro da Índia pensa nos seus cidadãos como uma força hostil que precisa ser emboscada, de surpresa, mas nunca de confiança.

Trancados estávamos. Muitos profissionais de saúde e epidemiologistas saudaram esta medida. Talvez estejam certos em teoria. Mas, certamente, nenhum deles pode apoiar a falta de planeamento ou preparação que transformou o maior e mais punitivo isolamento do mundo no exato oposto do pretendido.

O homem que ama óculos criou a mãe de todos os óculos.



Um morador de Mumbai usa uma máscara, onde as ruas geralmente movimentadas estão quase desertas. . . © Varinder Chawla / MEGA



. . . enquanto que em Bangalore, as pessoas fazem fila para comprar num supermercado © Getty Images

Enquanto o mundo horrorizado observava, a Índia revelou-se em toda a sua vergonha – a sua brutal desigualdade estrutural, social e económica, a sua indiferença ao sofrimento.

O isolamento funcionou como uma experiência química que de repente revela coisas ocultas. À medida que lojas, restaurantes, fábricas e indústria fecham, à medida que os ricos e as classes médias se fecham nas suas colônias fechadas, as nossas cidades e megacidades começam a expulsar os seus cidadãos das classes trabalhadoras - os trabalhadores migrantes - como tantas provisões indesejadas.

Muitos foram expulsos pelos seus patrões e arrendatários, milhões de pessoas carenciadas, famintas, com sede, jovens e idosos, homens, mulheres, crianças, doentes, cegos, deficientes, sem um lugar para ir, sem transporte público, começaram uma longa viagem para as casa nas respetivas aldeias. Por vários dias, caminharam em direção a Badaun, Agra, Azamgarh, Aligarh, Lucknow, Gorakhpur - a centenas de quilómetros de distância. Alguns morreram no caminho.

“As nossas cidades e megacidades começaram a expulsar os cidadãos, da classe trabalhadora, como entulho acumulado”

Eles sabiam que possivelmente iam para casa, somente para diminuir a fome. Talvez até soubessem que poderiam estar infetados com o vírus e subseqüentemente infetariam as suas famílias, pais e avós em casa, mas precisavam desesperadamente da familiaridade que tanto sentiam falta, abrigo e dignidade, além de comida, se não amor.

Na longa viagem, alguns foram agredidos brutalmente e humilhados pela polícia, que foi acusada de simplesmente impor o isolamento obrigatório. Os jovens foram obrigados a fazer agachamentos junto à autoestrada. Fora da cidade de Bareilly, um grupo, que seguia junto foi pulverizado com spray químico.

Poucos dias depois, preocupados com a possibilidade da população em fuga espalhar o vírus para as aldeias, o governo fechou as fronteiras de todos os estados, mesmo para os que iam a pé. As pessoas que já andavam há dias foram forçadas a regressar aos acampamentos nas cidades das quais acabavam de ser forçadas a sair.

Para os mais velhos, ecoam as semelhanças da transferência da população de 1947, quando a Índia foi dividida e nasceu o Paquistão. Exceto que este êxodo é impulsionado por divisões de classes, não por religião. Apesar de tudo, estas não eram as pessoas mais pobres da Índia. Eram pessoas que tinham (pelo menos até agora) trabalho na cidade e casas para o qual podiam regressar. Os desempregados, os sem abrigos e os desesperados permaneceram onde estavam,

nas cidades e no campo, onde a profunda angústia crescia muito antes desta tragédia. Durante estes dias horríveis, o ministro dos assuntos internos Amit Shah permaneceu longe dos olhos da opinião pública.



Trabalhadores caminham em direção a uma auto estrada em Nova Délhi, na esperança de regressar às suas aldeias © Rajat Gupta / EPA-EFE / Shutterstock

Quando a caminhada começou em Delhi, usei um passe de imprensa de uma revista para a qual escrevo com frequência para ir a Ghazipur, na fronteira entre Delhi e Uttar Pradesh.

A cena era bíblica. Ou talvez não. A Bíblia não poderia prever números como estes. O isolamento para impor um distanciamento social resultou no oposto - compressão física a escalas inimagináveis. Isto é verdade mesmo nas vilas e cidades da Índia. As estradas principais podem até estar vazias, mas os pobres estão fechados em bairros apertados de lata e barracos.

Todas as pessoas com quem falei estavam preocupadas com o vírus. Mas era menos real, menos presente nas suas vidas do que o crescente desemprego, a fome e a violência policial. De todas as pessoas com quem falei naquele dia, incluindo um grupo de alfaiates muçulmanos que apenas semanas atrás tinham sobrevivido aos ataques anti-muçulmanos, as palavras de um homem em especial comoveram-me. Ele era um carpinteiro chamado Ramjeet, que ia até Gorakhpur, perto da fronteira com o Nepal.

“Talvez quando Modiji decidiu fazer isto, ninguém lhe alertou sobre nós. Talvez ele não de nós”, disse.

"Nós" significa aproximadamente 460 milhões de pessoas.

Os governos estaduais na Índia (como nos EUA) mostraram mais compaixão e compreensão nesta crise. Sindicatos, cidadãos particulares e outros coletivos distribuem alimentos e rações de emergência. O governo central tem demorado a responder aos apelos desesperados de fundos. Acontece que o Fundo Nacional de Socorro do primeiro-ministro não tem dinheiro disponível. Em vez disso, o dinheiro dos simpatizantes é investido no novo e misterioso fundo PM-CARES. Refeições pré-embaladas com o rosto de Modi começaram a surgir.

Além disso, o primeiro-ministro partilha vídeos seus a fazer de yoga, nos quais um Modi “modificado” aparece com um corpo de sonho para ajudar as pessoas a lidar com o stresse do isolamento.

O narcisismo é profundamente perturbador. Talvez um dos “asanas” possa servir de pedido, no qual Modi solicita ao primeiro-ministro francês que nos permita renunciar ao muito

problemático acordo de caça Rafale de 7,8 bilhões de euros, e usá-lo em medidas de emergência desesperadamente necessárias para apoiar alguns milhões de pessoas com fome. Certamente os franceses compreenderão.



Nos arredores de Nova Délhi, a 29 de Março, uma mulher empurra a filha para um autocarro sobrelotado enquanto tentam regressar à sua cidade natal © Reuters



Trabalhadores migrantes em Nova Délhi esperam por um autocarro © Getty Images

Entramos na segunda semana de isolamento, as cadeias de abastecimento, os remédios e os mantimentos essenciais estão a acabar. Milhares de motoristas ainda estão abandonados nas estradas, com pouca comida e água. As culturas são, prontas para a colheita, mas estão lentamente a apodrecer.

A crise económica está instalada. A crise política está em andamento. Os media incorporam a história da Covid na sua campanha antimuçulmana a toda a hora. Uma organização chamada Tablighi Jamaat, que promoveu uma reunião em Deli antes do isolamento, acabou por ser um foco de propagação. Isto está a ser usado para estigmatizar e demonizar os muçulmanos. O tom geral sugere que os muçulmanos inventaram o vírus e o espalharam-no deliberadamente como uma forma de *jihad*.

A crise de Covid está ainda para chegar. Ou não. Nós não sabemos. Se e quando acontecer, podemos ter certeza de que será combatida, com todos os preconceitos predominantes da religião, castas e classe.

Hoje (2 de abril) na Índia, há quase 2.000 casos confirmados e 58 mortes. Estes são certamente números não confiáveis, baseados em poucos testes. A opinião de especialistas varia muito. Alguns preveem milhões de casos. Outros acham que será muito menor. Talvez nunca conheçamos os contornos reais da crise, mesmo que nos atinja a todos. Tudo o que sabemos é que a corrida aos hospitais ainda não começou.

Hospitais e clínicas públicas da Índia - que são incapazes de lidar com quase um milhão de crianças que morrem de diarreia, fome e outros problemas de saúde todos os anos, com centenas de milhares de pacientes com tuberculose (um quarto dos casos no mundo), com uma vasta anemia e a população desnutrida, vulnerável a inúmeras doenças menores que se revelam fatais - não será capaz de lidar com uma crise como a Europa e os EUA enfrentam.

Todos os cuidados de saúde estão mais ou menos em espera, os hospitais foram convertidos para lidar com o vírus. O centro de trauma do lendário Instituto de Ciências Médicas All India, em Deli, está fechado, as centenas de pacientes com cancro conhecidos como refugiados que vivem nas ruas fora do enorme hospital foram expulsos como de gado se tratasse.



Uma criança a usar uma máscara a partir de uma varanda em Srinagar, que registrou a primeira morte por coronavírus no final de março © eyevine

As pessoas vão adoecer e morrer em casa. Talvez nunca conheçamos as suas histórias. Talvez nunca façam parte das estatísticas. Só podemos esperar que os estudos que defendem que o vírus gosta do frio estejam corretos (embora não seja consensual). Nunca um povo desejou tanto um verão indiano ardente e punitivo.

O que é isso que nos aconteceu? É um vírus, sim. Mas é definitivamente mais do que um vírus. Alguns acreditam que é Deus a chamar-nos à realidade. Outros dizem que é uma conspiração chinesa para dominar o mundo.

Seja o que for, o coronavírus fez-nos ajoelhar perante ele e fez o mundo parar como nada tinha conseguido. Na nossa mente continuamos a correr de um lado para o outro, desejamos um regresso à "normalidade", tentamos ligar o futuro ao nosso passado e recusamo-nos a reconhecer uma rutura. Mas a rutura existe. E no meio deste terrível desespero, permite-nos a oportunidade de repensar a máquina do dia do juízo final que construímos para nós próprios. Nada poderia ser pior do que regressar à normalidade.

Historicamente, as pandemias forçaram-nos a romper com o passado e a imaginar um novo mundo. Esta não é diferente. É um portal, uma porta de entrada entre um mundo e outro.

Podemos optar por atravessá-lo, com o nosso preconceito e ódio, com os nossos bancos de dados e ideias acabadas, com os nossos rios mortos e céus negros sobre nós. Ou podemos caminhar calmamente, com pouca bagagem, prontos para imaginar um outro mundo. E pronto para lutar por isso.